



CANTO DO CONTO

TRADUÇÃO

AS ALEGRIAS DA CÂMARA DE AMOR
PRIMEIRO CAPÍTULO DE *SEIS RELATOS DE UMA VIDA FLUTUANTE*

DE SHEN FU
(1763-1825)

Ana Katryna CABRINI¹

Os *Seis relatos de uma vida flutuante* são uma coleção de relatos autobiográficos escritos por Shen Fu (1763-1825), e a história se passa durante a dinastia Qing (1644-1911), mais precisamente durante o reinado do imperador Chien Lung, conhecido pelo gosto pelas artes, em geral, e pela pintura e literatura, em particular. Isso dá ao livro uma atmosfera de refinamento e civilização muito peculiares. Nesta tradução do primeiro capítulo, feita a partir dos textos em inglês de Leonard Pratt e Chiang Su-hui (editora Penguin, UK, 1983) e de Lin Yutang (editora F.L.T.R.P., Beijing, 2007), mantivemos o nome das estações do ano em maiúsculas, assim como outros substantivos, para acentuarmos a importância delas, no contexto da obra, e mantivemos, também, a forma “dez-mil”, para garantir o entendimento do

¹ Doutora em Letras, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente do Instituto Federal de São Paulo, Campus Avaré, membro dos Grupos FORPROL (Formação de Professores de Língua e Literatura) e EALIFP (Ensino-Aprendizagem de Línguas e Interdisciplinaridade: A Formação do Professor), e membro do NUGS (Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade) – IFSP. Endereço eletrônico: <cabrini.paulo@ifsp.edu.br>.

antigo conceito chinês de “múltiplas”, ou “infinitas”. A pontuação e a paragrafação do livro estão alteradas, por questões de ritmo e de adaptação feita da própria tradutora, visto que se trata de uma tradução literária, mas, procuram manter o mesmo ritmo da conversação de Shen Fu.

Adotamos, também, a palavra que nos pareceu mais adequada para traduzir a expressão “irmão mais novo”, em termos familiares e íntimos, necessários, no texto.

Algumas orientações são necessárias, antes da leitura: a poesia “fu”, a que se alude, em determinada altura do texto, foi uma forma literária chinesa que combinava prosa e poesia; o poeta Su Tung-p’o é designado, em nossa tradução, como Su Shi, e isso é fruto de um antigo costume chinês de se atribuírem múltiplos nomes a uma pessoa, num sistema de etiqueta muito difícil de compreendermos, hoje.

O mesmo acontece com o poeta Bai Juyi, que mantivemos sob a grafia Pai Lo Chien, e com o poeta Li Bai, que também grafamos Li Pai (李白).

Outros dados que podem ser importantes, antes da leitura, são: o ato de “convidar a lua para beber conosco” se refere a um conhecido poema de Li Bai (intitulado 月下独酌), e os termos *yin* e *yang*, no texto, referem-se a princípios, ou essências, fundamentalmente, e respectivamente, feminina e masculina, constantes em todo o Cosmos (para maiores esclarecimentos sobre este assunto complexo, indicamos a obra *O pensamento chinês*, de Marcel Granet, publicada, no Brasil, pela editora Contraponto, do Rio de Janeiro). Por fim, a relevância deste livro, os *Seis relatos...*, nos estudos literários, em geral, está no fato de que a literatura chinesa é muito pouco conhecida, entre nós, e muito rica de temas, imagens, e linguagens que fazem eco em nossa própria evolução civilizacional, calcada, basicamente, em textos eurocêntricos. Especificamente, no contexto da literatura LGBTQ+, e na questão de gêneros, o texto é, evidentemente, muito importante, ao colocar em destaque temas como: o “coleguismo” entre cônjuges; as ambiguidades sexuais, dentro de um casamento; o amor livre, o lesbianismo, o *crossdressing*, a inversão de papéis, e, finalmente, a construção (trágica)



de uma personagem feminina que se tornou uma das mais intensas de toda a literatura mundial, e de quem retiramos uma frase, que nos serve de abertura para este trabalho, cuja conclusão demorou treze anos de pesquisas e reescritas.

AS ALEGRIAS DA CÂMARA DE AMOR

*“Agora, vejo o quanto é mágico o mundo,
e agora sei que não vivi em vão” (Yün)*

Nasci no Inverno do ano 27, no reinado de Chien Lung, no 22º dia do 11º mês. Os céus me abençoaram tanto, que eu não poderia imaginar uma vida melhor...

Foi uma época de grande paz e de prosperidade, e minha família, basicamente formada de funcionários públicos, vivia perto do Pavilhão das Ondas, em Suchow...

O poeta Su Shi já dizia: “A vida é flutuante, como um sonho de Primavera, que passa sem deixar rastros...” Portanto, eu seria muito ingrato, aos Céus, se não registrasse toda a minha vida, aqui...

No primeiro dos trezentos poemas do “Livro de Odes”, temos a preocupação com os maridos e as esposas... Pretendo, também, escrever sobre outros assuntos. Infelizmente, não completei os meus estudos, e, sendo assim, minha escrita não é muito erudita... Mas, sendo a minha intenção apenas registrar os mais puros e sinceros sentimentos, e os fatos mais crus, críticas ao meu livro serão como luz refletida em um espelho embaçado...



Muito novo, ainda, fiquei noivo de Chin Sha-yü, mas, ela morreu quando tinha apenas oito anos de idade... Assim, me casei com Chen Yün, filha do meu tio, o Senhor Chen Hsin-yü. O nome literário dela era Su-chen.

Desde pequena, ela era muito esperta: quando estava, ainda, aprendendo a falar, ensinaram-lhe a “Canção do Bandolim”, e ela podia repetir essa canção a qualquer hora!...

Seu pai faleceu, quando ela tinha apenas quatro anos, deixando, também, a esposa, cujo nome de família era Chin, e um filho mais novo, cujo nome era Ko-chang...

De início, eles não tinham, virtualmente, nada; mas, à medida que Yün crescia, foi-se tornando habilidosa com agulhas e costuras, e o trabalho dos seus dez dedinhos se tornou suficiente para manter toda a família.

Graças ao seu esforço, puderam pagar os estudos de seu irmão.

Um dia, ela encontrou uma cópia da “Canção do Bandolim”, na caixa de livros de Ko-chang, e, lembrando-se das lições da infância, foi decifrando os caracteres, um a um... E, assim, aprendeu a ler!

Em seus momentos de descanso, ia, pouco a pouco, aprendendo a escrever poesia, e me lembro de um verso seu que dizia: “Crescemos, fininhos, sob a sombra do Outono; mas, os crisântemos crescem gordos com o frio da geada”.

Aos treze anos, minha mãe me levou em visita aos seus parentes... Foi a primeira vez que encontrei minha prima Yün e nos sentimos bem, um com o outro. Pude ler os seus poemas, e, embora tivesse admirado o seu brilhantismo, temi que ela fosse sensível demais, para ser feliz... No entanto, não podia esquecê-la, e me lembro de ter dito à minha mãe: “Se a Senhora for escolher uma esposa pra mim, eu não desejaria outra que não fosse Yün!...” Mamãe também adorou sua gentileza, e providenciou, rapidamente, o nosso noivado, dando a Yün um anel de ouro que ela própria usava...



Isso foi no ano 39 do reinado de Chien Lung, no dia 16 do mês 7... Naquele Inverno, mamãe me levou à casa dela, novamente, para o casamento de seu primo.

Nós nascemos no mesmo ano, mas, por ela ser dez meses mais velha, eu me acostumei a chamá-la de “Tata”, e ela, a mim, de “Chuca”; e foi assim que nos chamamos um ao outro, mesmo depois de casados.

Os convidados estavam todos muito bem vestidos; só Yün se vestia com uma roupa comum, apesar de seus sapatos serem novos... Notei que eram muito bem adornados, e, quando me disse que ela mesma os tinha enfeitado, comecei a apreciar o fato de que a sua inteligência não estava só em seus escritos...

Ela tinha os ombros delicados e um pescoço altivo; seu porte era esbelto, e suas sobrancelhas arqueavam, lindamente, sobre os olhos cheios de vida... Seu único defeito eram dois dentes frontais, que se projetavam um pouco, em sinal de má-sorte.

Mas, suas maneiras eram, todas, muito charmosas, e ela cativava a todos que a vissem...

Naquele mesmo dia, pedi que me mostrasse mais dos seus poemas, e notei que alguns deles tinham somente um verso; outros, três, quatro; e a maioria deles estava inacabada. Perguntei-lhe: por quê?... Ela me disse, rindo: “Eu os fiz sem um professor; espero que você, meu melhor amigo, possa ser o meu professor, agora, e que me ajude a terminá-los!...” Então, como por piada, escrevi no seu livro: “Bolsa Adornada de Belos Versos”. E eu não sabia que a sua morte prematura estava, ali, já, naquele livro...

Naquela mesma noite, depois do casamento, acompanhei os meus pais até os limites da cidade, e, por volta da meia-noite, retornei, terrivelmente faminto, pedindo algo para comer; um empregado me trouxe ameixas secas, mas, eram doces demais, pra mim... Yün me levou secretamente para seu quarto, onde tinha escondido um cozido de arroz, e mais alguns pratos... Deliciosamente, peguei os meus talheres, quando, de repente, ouvimos o seu primo,



Yu-heng, chamando: “Irmãzinha, vem rápido!!...” Yün fechou, rapidamente, a porta e lhe disse: “Estou muito cansada!... Estava, mesmo, indo dormir!...”; mas, Yu-heng forçou a porta, e me viu, justamente na hora em que eu ia comer o mingau de arroz.

Sufocou um riso, procurou Yün, com o canto dos olhos, e lhe disse: “Quando eu lhe pedi um pouquinho de arroz cozido, você disse que já tinha acabado!, Agora, vejo que só o estava escondendo para o seu futuro marido!...”

Yün ficou muito envergonhada, e saiu a correr: toda a família caiu no riso, mas, eu também fiquei muito constrangido...

Acordei o meu servo, e parti, na mesma hora... Depois disso, toda vez que eu ia até lá, Yün se escondia... E eu sabia que era porque estava com medo de que rissem dela, mais uma vez...

Na 22ª noite do primeiro mês do ano 44, no reinado de Chien Lung, vi, através das luzes de nossas velas nupciais, a figura esbelta dela... Quando o seu véu foi erguido, nós sorrimos, um para o outro... E, depois de compartilharmos um copo cerimonial de vinho, sentamo-nos, para o banquete, e eu, secretamente, peguei sua mãozinha, por debaixo da mesa... Quente e terna, e o meu coração batia incontrolavelmente.

Pedi que ela comesse primeiro, e notei que, naquele dia, ela não estava comendo carne, prática budista que ela mantinha por muitos anos; imaginei que isso fosse porque eu tive de lutar contra minhas acnes, e então lhe pedi: “Se a minha pele já está clara, e saudável, você não podia abandonar esse costume?!...”; os seus olhos sorriram, com muito prazer, e a sua cabeça balançou em concordância.

A véspera da festa de casamento de minha irmã mais velha foi um dia de luto nacional, e todas as festas estavam proibidas. Yün participou do jantar, e eu passei o tempo todo em nosso quarto, bebendo com a dama de companhia de minha irmã... Brincávamos de

beber, e, em nosso jogo, eu sempre perdia, e acabei por ficar muito bêbado, e caí no sono... Quando acordei, na manhã seguinte, Yün já estava se maquiando.

Durante o dia, um fluxo constante de parentes e de amigos veio nos cumprimentar, pelo nosso casamento... À noite, houve música, depois que as lâmpadas foram acesas. À meia-noite, escoltei a minha irmã até a casa de seu novo marido, e retornei, por volta das três horas da madrugada... As velas já tinham se consumido, e eram apenas tocos acesos. A casa estava silenciosa... Entrei, furtivamente, em nosso quarto, e encontrei a aia dormindo ao lado da ama, enquanto Yün, sem maquiagem, ainda estava acordada. Uma vela brilhava, ao seu lado, e ela estava lendo, interessadamente, um livro, mas eu não distinguia qual era. Cheguei até ela, acariciei o seu ombro, e disse: “Você esteve tão ocupada nesses últimos dias! Por que ainda está lendo até tão tarde?!...” Ela, então, se virou, se levantou, e disse: “Eu estava, mesmo, pensando em ir dormir. Mas, abri a estante de livros, e encontrei ‘A História da Câmara Ocidental’... Comecei a lê-lo, e esqueci o quanto estava cansada! Eu já tinha ouvido falar deste livro, mas, só agora tive a oportunidade de lê-lo... O autor, realmente, é muito talentoso, como as pessoas falam... Mas, particularmente, achei sua história muito explícita!...” Então, eu ri: “Só um autor muito bom poderia ser explícito!...”

Nossa aia nos apressava a dormir, e eu lhe disse que podia ir dormir primeiro, e que fechasse a porta do nosso quarto... Nós nos sentamos, então, para contar piadas, como dois amigos íntimos, que não se veem há muito tempo; senti o seu Coração bater tanto quanto o meu... Puxei-a para mim, e murmurei em seu ouvido: “Por que seu Coração está batendo tão rápido?!...”, e ela me respondeu com um sorriso encantador, que me fez sentir um amor tão infinito que acabou abalando minha alma... Estreitei-a em meus braços, enquanto afastava as cortinas, levei-a para a cama, e não soubemos a que horas o sol nasceu de manhã...

Como recém-casada, Yün era muito quieta: nunca se enraivecia, e quando falavam com ela, retornava um sorriso. Respeitava os mais velhos, e era amável com todos. Tudo o que



ela fazia era metódico e correto. Toda manhã, ao ver os primeiros raios de sol tocarem a janela, vestia-se, rapidamente, e saltava da cama, como se a tivessem chamado; uma vez, eu ri disso: “Por que você tem tanto medo de que riam de você?...! Não estamos mais no tempo do ‘mingau de arroz’...”

“É verdade”, disse ela, “Esconder aquela sopa de arroz pra você tornou-se uma boa piada! Mas, na verdade, não estou preocupada em me tornar uma piada... só não quero que seus pais pensem que sou preguiçosa...”

Assim, apesar de eu querer que ela dormisse mais, tive de concordar que toda manhã nós acordaríamos juntos, bem cedo, e assim fomos inseparáveis, como um homem e a sua sombra.

Palavras são insuficientes pra descrever o nosso amor... Éramos tão felizes, que o nosso primeiro mês de casados passou num piscar de olhos...

Naquele tempo, o meu pai, o Honorável Chia-fu, estava trabalhando em Kui-shi, como secretário particular do governo. Ele, então, me chamou, matriculou-me na escola do Senhor Chao Sheng-tsai, em Wulin (Hangchow), onde eu fui ensinado, pacientemente, e muito devo aos esforços do meu professor o fato de conseguir escrever quase tudo, hoje em dia... No entanto, eu tinha planejado, originalmente, continuar os meus estudos com meu próprio pai, depois do meu casamento...

Por isso, fiquei muito desapontado, ao receber aquela notícia. Temi que Yün ficasse muito triste com isso, também, mas, ela não demonstrou qualquer emoção... Encorajou-me a ir, e ajudou-me a fazer as malas... Na véspera da minha partida, à noite, estava bem resignada, e isto era tudo.

Apenas quando chegou a hora de eu partir, suspirou: “Não haverá ninguém para cuidar de ti, lá... Por favor, cuida-te!...”



Meu barco partiu quando as pereiras e as cerejeiras estavam, magnificamente, floridas. E eu me senti como um pássaro que tivesse se perdido do bando. O meu mundo havia se abalado, completamente. Quando cheguei ao escritório, onde o meu pai trabalhava, ele, imediatamente, começou a se preparar para cruzar o Rio, em direção ao leste. E a minha separação de Yün, que era de três meses, pareceu durar dez anos.

Ela me escrevia, frequentemente, mas, as suas cartas me perguntavam muito de mim, enquanto não diziam quase nada sobre ela.

A maior parte de suas palavras era apenas de encorajamento nos meus estudos. Além disso, só conversação educada. Eu ficava muito furioso com aquilo... Cada vez que o vento agitava os bambuais, no jardim, ou que a lua brilhava entre as folhas da bananeira, eu a procurava, à minha janela, à minha mulher, e senti tanto a sua falta, mas, tão terrivelmente, que os meus sonhos acabaram tomando conta da minha alma.

O meu professor entendeu o que eu sentia, e escreveu para meu pai, a esse respeito. Deu-me dez composições para fazer, em casa, e mandou-me de volta... E, naquele momento, eu me senti como um prisioneiro que tivesse sido libertado!

Uma vez no barco, cada quarto de hora parecia passar como um ano. Depois de chegar em casa, e cumprimentar minha mãe, entrei em nosso quarto, e ela se levantou para me abraçar.

Segurou as minhas mãos, sem dizer nada, e as nossas almas se transformaram em pura névoa e fumaça.

Pensei ouvir alguma coisa, mas, era como se o meu corpo tivesse deixado de existir. Aquele era, então, o sexto mês, e o calor parecia vaporizar a nossa Câmara; mas, para nossa sorte, vivíamos bem a oeste do Pavilhão das Ondas, onde era mais fresco... Por uma ponte sobre o rio, chegava-se a uma pequena Sala, chamada de “Meu Desejo”... Esse nome se deve a um poema, que dizia: “Lavo os cordões do meu chapéu, se estiver limpa, a água; se estiver



suja, lavo os meus pés.” Quase sob as calhas da casa, havia uma árvore antiga que lançava sombras através das janelas, tão profundamente que podia esverdear a cara das pessoas... Caminhantes estavam sempre ali, na margem oposta do riachinho; era ali, também, que meu pai, o Honorável Chia-fu, costumava entreter os seus convidados, com toda privacidade, e eu obtive licença de minha mãe, um dia, pra levar Yün, de forma que escapássemos do calor do Verão... Estava quente demais, e Yün desistiu do seu bordado... Passava todo o dia comigo, enquanto eu estudava. Falávamos de tempos passados, analisávamos a lua, e discutíamos sobre flores. Yün não podia beber muito, e aceitava, no máximo, três copos de vinho, e isso quando eu insistia muito.

Ensinei-lhe um jogo literário em que o perdedor tinha de beber um copo; estávamos certos de que, nunca, duas pessoas tinham sido tão felizes quanto nós éramos. Um dia, ela me perguntou: “De todos os mestres antigos da literatura, qual você acha melhor?...”

Respondi: “Os ‘Anais dos Reinos Combatentes’ e o ‘Chuang-tzu’ são muito vivazes; Kuang Heng e Liu Hsiang são elegantes; Su Ma Chien e Pan Ku têm alcance. Han Yü é maturidade; Chang Li é de extensa sabedoria. Lu Ling é muito original, e Su Hsün, junto com seus filhos, é conhecido pelos seus ensaios. Há, também, os debates políticos de Chia Yi e de Tung Chungshu; os estilos poéticos de Yü Hsin e Hsü Ling, e as memórias imperiais de Lu Chih. Eu nunca poderia listar todos os escritores talentosos que conheço... Além disso, escolher um depende totalmente do nosso estado de espírito.” “É preciso um grande conhecimento, e um espírito heroico, para apreciar a literatura antiga”, disse ela. “Eu temo que a educação de uma moça não seja o suficiente para dominá-la. O único meio que temos de compreendê-la é através da poesia, e eu entendo pouco disso.” “Na dinastia T’ang, todos os candidatos a cargos oficiais tinham de prestar um exame de poesia. Os melhores poetas foram, como sabemos, Li Pai e Du Fu. Qual deles é o seu preferido?” Yün me disse: “Du Fu é muito puro e, cuidadosamente, moderado, e Li Pai é etéreo, e muito expansivo”. Então, eu lhe disse:

“Também prefiro a vivacidade de Li Pai do que o rigor do Du Fu, mas, este foi o mais bem-sucedido, pois, a maioria dos professores o preferem. Mas, por que você prefere Li Pai?”

“Du Fu é incomparável”, disse ela, “no cuidado dos seus versos, e na vivacidade da sua expressão... Mas, a poesia de Li Pai é fluida, como uma flor lançada num riacho... É encantador... Eu não diria que Li Pai seja um poeta melhor do que Du Fu... Mas, pra mim, ele tem, definitivamente, mais apelo...!”

Eu sorri, e lhe disse: “Nunca tinha pensado que você gostasse tanto de Li Pai!”... E ela sorriu, de volta: “Além dele, apenas o meu primeiro professor, o Senhor Pai Lo Chien, por quem sempre tive um sentimento muito especial..., e, assim, o meu coração nunca mudou...” “Por que você diz isso?!” “Porque foi ele quem escreveu a ‘Canção do Bandolim’, ora essa!...” Ri: “Engraçado que você goste tanto de Li Pai, e que Pai Lo Chien tenha sido o seu primeiro professor!, e que o nome literário do seu marido seja San Pai!..., O que você tem com a palavra ‘pai’?!” e Yün riu, dizendo: “Se for pela afinidade que tenho com a palavra, acho que meus textos, no futuro, serão cheios de ‘pais’...”

Nosso sotaque do Kiang Su pronuncia palavras como “pie” como ‘pai’, e nós nos esgarçamos de rir!...

“Agora que eu sei que você conhece poesia, deve saber, também, que há boa e má poesia *fu*”.

“Sei que essa forma de poesia veio de Ch’ Tzu, mas, apesar de tê-la estudado um pouco, achei-a muito difícil de entender... Dos poetas *fu* da dinastia Han e da dinastia Chin, que tinham a melhor métrica, e a linguagem mais refinada, acho que Hsiangju foi o melhor!”.

Então, eu ri: “Deve ser por causa da sua poesia, então, que Wen-chün se apaixonou por ele, e não por causa da maneira como ele tocava alaúde, como dizem!” E, assim, a nossa conversa terminou com altas risadas.

Por natureza, eu sou cândido e aberto, mas, Yün sempre foi escrupulosa e meticulosamente polida. Quando, por exemplo, eu punha uma capa para proteger os seus ombros, ou, quando a ajudava a acertar suas mangas, ela sempre me dizia: ‘Muito obrigada’. Se eu lhe desse um lenço, ou um leque, sempre os tomava em pé... De início, eu não gostei disso, e cheguei a lhe dizer: “Você pensa que pode me controlar com a sua polidez?...! Já ouvi dizer que uma ‘manha’ se esconde por trás de toda polidez...”. Yün ficou vermelha de raiva: “Por que o respeito e as boas maneiras devem ser vistos como ‘artimanhas’?!...”. Eu disse: “O verdadeiro respeito vem do Coração, e não de palavras vazias”. “Não há ninguém mais próximo de nós do que os nossos pais”, disse ela, que tinha ficado muito nervosa, “Como poderíamos respeitá-los, meramente, em nossos Corações, e tratá-los mal?...!”. “Ah, eu estava só brincando!...”, disse, e ela: “Muitas brigas começam com uma simples piada... Nunca mais brigue comigo por prazer, ouviu?! Isso me deixou tão nervosa que eu podia até morrer!...” E, então, eu a trouxe pra perto de mim, abracei-a, bati de leve em suas costas, e a confortei, até que sua raiva passou, e ela começou a sorrir...

Daquele dia em diante, frases como “Com licença” e “Muito obrigado” tornaram-se muito comuns, entre nós...

Vivemos, nesse mútuo respeito, durante vinte e três anos, e, à medida que os anos se passavam, fomos nos tornando cada vez mais próximos...

Onde quer que nos encontrássemos, numa sala escura, ou num corredor estreito da casa, juntávamos as mãos e perguntávamos um ao outro: “Aonde você vai?...”, e fazíamos isso furtivamente, como se não quiséssemos que os outros vissem. Na verdade, no começo evitávamos sentar ou andar juntxs, para que não nos vissem, embora essa vergonha tenha passado em pouco tempo. Quando me via chegar, e estava conversando com alguém, ela se levantava, vinha até mim, e me fazia sentar ao seu lado... Nenhum de nós pensava muito no



assunto, pois, nos parecia muito natural. Só no começo é que nos sentíamos embaraçados, mas, depois, nos acostumamos...

O mais estranho, para mim era ver os velhos casais se tratando como inimigos... Eu não conseguia entender... Normalmente, as pessoas diziam: “Mas, como poderiam ficar velhos, juntos?!...”, e, mesmo assim, eu não conseguia compreender.

Na sétima noite do sétimo mês daquele ano, minha esposa acendeu velas e ofertou as frutas do altar de “Meu Desejo” ao Neto do Céu, a Estrela da Ave-Tecelã. Eu tinha um par de medalhinhas, com a inscrição: “Sejamos marido e mulher, em todas as nossas vidas”. Na minha moeda, os caracteres estavam em alto-relevo, e, na sua, em baixo-relevo... Nós as usávamos pra selar as nossas cartas.

O luar, aquela noite, era muito bom, amável, e quando se refletia no riacho tornava as ondas brancas como a seda...

Sentamos juntos, perto da água, vestindo as nossas roupas leves, e nos abanávamos, gentilmente, com os nossos leques, enquanto olhávamos as nuvens, no céu, mudando sob dez-mil formas...

Yün me disse: “O mundo é tão vasto e as pessoas, no entanto, olham sempre para a mesma lua. Eu me pergunto se, nesse vasto mundo, há um casal tão apaixonado quanto nós dois.” Eu lhe disse: “Naturalmente, em toda parte haverá pessoas que gostam do ar da noite, e do luar, e muitas mulheres que adoram debater sobre o pôr-do-sol... Mas, quando um casal os olha junto, não penso que seja sobre o pôr-do-sol que irão terminar debatendo...” As velas logo se consumiram, e a lua se escondeu... Levamos as nossas frutas, para dentro, e fomos, então, dormir.

No 15º dia do sétimo mês, na lua cheia, em pleno Festival dos Mortos, Yün preparou pequenos pratos, e quisemos convidar a Lua para beber conosco. Mas, quando a noite veio, nuvens, de repente, escureceram o Céu... Yün ficou melancólica, e disse: “Se eu devo

envelhecer com você, a Lua tem de sair!...”, e eu, também, fiquei muito triste. Na margem oposta, eu via fogos-fátuos, piscando como dez-mil vagalumes, pela grama e pelos salgueiros da ilhazinha. Para nos animar, começamos a compor um poema, em voz alta.

Eu comecei, oferecendo-nos a primeira quadra, e ela nos deu a segunda, e fomos continuando... Aos poucos, o jogo foi nos tornando mais excitados, até começarmos a dizer tudo o que vinha à nossa cabeça...

Yün logo passou a rir tão alto, que, em certo momento, só pôde se apoiar em mim, ficando sem palavras. O cheiro forte de jasmim, em seu cabelo, veio até às minhas narinas, e eu, mudando de assunto, para consolá-la, e fazê-la parar de rir, disse: “As mulheres, antigamente, punham jasmim em seus cabelos, porque lembram pérolas... Nunca pensei que os jasmins fossem tão atraentes, quando misturados com o cheiro da maquiagem de uma mulher; é mais perfumado até do que a lima”.

Deu certo: Yün parou de rir: “A lima é o verdadeiro Senhor dos perfumes e você pode notar o seu cheiro até inconscientemente. Mas, o jasmim é um plebeu que tem de morar na maquiagem de uma mulher, pelos seus efeitos... É sugestivo, como um sorriso malicioso...”

“Ah, então, você está evitando o ‘cavalheiro’ e preferindo o ‘plebeu’?!”

“Não, estou só fazendo uma piada sobre ‘cavalheiros’ que amam ‘plebeias’”, ela disse. Foi então que o relógio deu a meia-noite; o vento, aos poucos, começou a varrer as nuvens, e a lua cheia finalmente saiu!... Ficamos muito excitados de alegria!, e bebemos um pouco de vinho, à janela... Mas, antes de terminarmos três taças, ouvimos um alto barulho, que vinha de baixo da ponte, como se alguém tivesse caído na água. Nós nos debruçamos no peitoril da janela, e procuramos, com atenção, mas, a superfície da água estava brilhante como um espelho, e nós não vimos nada.

Ouvimos, só, o som de um pato que corria, rapidamente, pela margem.



Eu sabia que os fantasmas dos afogados, muitas vezes, apareciam, perto do Pavilhão das Ondas, mas, não ousei dizer isso a Yün, por medo de assustá-la...

“De onde terá vindo aquele som?!”, ela disse, apavorada com o meu silêncio. Não podíamos deixar de tremer...

Eu fechei a janela, levamos o vinho para dentro, a chama da lâmpada estava bem pequena, como uma semente, e as cortinas, ao redor da cama jogavam sombras que se contorciam como serpentes. Estávamos ainda apavorados; então, aumentei a chama da lâmpada, e fomos para cama; mas, Yün ainda estava em choque... Eu também estava em choque, e, assim, nós ficamos por vinte dias, mais ou menos, como se tivéssemos febre.

Será que é verdade o que dizem: que a felicidade, quando levada a extremos, se transforma em Tristeza? Os eventos daquele dia foram um outro sinal de que nós não ficaríamos velhos e juntos.

Por volta do Festival do Meio-Outono, eu já me sentia bem melhor, embora um pouco fraco. Yün, nessa época, já era minha esposa há seis meses, e nunca tinha ido além do Pavilhão das Ondas. Então, um dia, eu mandei um velho servo dizer ao guardião que não deixasse entrar ali nenhum visitante, e, à noite, fomos passear por lá, eu e minha querida irmãzinha.

Dois servos nos ajudaram, e outro mostrava o caminho...

Cruzamos a ponte de pedra, entramos pelo portal, pegamos um caminho sinuoso, pelo lado oriental dos jardins, onde rochas empilhadas, como pequenas montanhas artificiais, e árvores de folhas muito verdes e novas conduziam para o Pavilhão, localizado no topo de uma pequena colina. Escadas levavam até ali, de onde se podia ver um panorama de muitos quilômetros...

Fumaças de fogos subiam de todas as direções. Fundiam-se ao poente brilhante. Do outro lado da margem, havia um lugar chamado de Bosque de Chinshan, onde altos oficiais



fizeram banquetes formais. Naquele tempo, a Academia de Chengyi ainda não havia se estabelecido, ali...

Levamos um cobertor, que estendemos ao longo do Pavilhão, e nos sentamos em círculo, enquanto o guardião nos trazia chá... Uma lua cheia subiu acima das árvores, e, aos poucos, fomos sentindo a brisa sacudir as mangas das nossas roupas... A lua, então, brilhou sobre o Rio, lá embaixo, e, rapidamente, levou todas as nossas preocupações.

“Isto é tão bom!...”, disse Yün, “Não seria maravilhoso, se tivéssemos um barquinho para passear ali no rio!?!...”

Então, chegou a hora de acendermos as lanternas. Pensávamos, ainda, no choque recebido na noite do Festival dos Fantasmas, e deixamos o Pavilhão, voltando para casa de mãos bem dadas...

É um costume, em Suchow, que, na noite do Festival de Meio-Outono, as mulheres, sem se importar com suas origens, viessem passear, juntas, naquilo que se chamou “O Passeio ao Luar”... Mas, apesar de o Pavilhão das Ondas ser elegante e pacífico, nenhuma delas foi até lá, naquela noite.

Meu pai, o Honorável Chia-fu, gostava muito de adotar filhos, e eu tive, ao todo, vinte e seis irmãos, com sobrenomes diferentes do meu. Minha mãe, também, adotou nove filhos, e, de todos eles, as Senhoras Wang e Yü gostavam muito de Yün.

A Senhora Wang era simples, e adorava beber; já a Senhora Yü era uma pessoa extrovertida que gostava muito de conversar.

Todas as vezes em que estavam juntas, me exilavam, e dormiam, as três. Isso foi ideia da Senhora Yü. Certa vez, brinquei com ela: “Quando você se casar, eu vou convidar o seu marido para ficar comigo, aqui em casa, por uns dez dias!...” “Eu também virei”, ela disse “e dormirei com a sua esposa! Não vai ser divertido?”

Yün e a Senhora Wang não disseram nada, mas apenas sorriram... Quando meu irmão mais novo, Chi-tang, se casou, nós nos mudamos para a Travessa do Celeiro, perto da Ponte dos Cavalos Bêbados. Embora a nova casa fosse grande, não era elegante como aquela do Pavilhão das Ondas... Para o aniversário de minha mãe, naquele ano, uma trupe de artistas veio atuar, e Yün pensou, de início, que isso seria maravilhoso.

Meu pai nunca foi uma pessoa supersticiosa, então, não tinha nenhum escrúpulo para pedir uma encenação do tipo “O Triste Adeus”. Os atores eram excelentes, e, vendo-os, ficamos todos muito comovidos. Mas, durante a encenação, Yün se levantou, de repente, saiu de trás da cortina, de onde as mulheres estavam sentadas, e foi ao nosso quarto. Passou muito tempo, e ela não retornava. Fomos, então, ver o que tinha acontecido, eu e as Senhoras Wang e Yü, e vimos Yün sentada, sozinha, ao lado da penteadeira, com a cabeça entre as mãos.

“Está infeliz com alguma coisa?!”, perguntei. E ela disse: “Ver uma ópera é sempre algo engraçado, pelo menos, eu supunha, mas, hoje está terrivelmente triste!” As Senhoras Wang e Yü riram muito dela, mas eu lhes disse que Yün era muito sensível, e que era preciso compreendê-la... A Senhora Yü, então, lhe perguntou: “Você vai ficar aqui, sozinha, o dia inteiro?!...” Yün respondeu: “Quando houver algo de que eu goste, eu sairei”. A Senhora Wang, então, saiu, imediatamente, e pediu à minha mãe que os atores encenassem peças como “Tse Liang”, “Hou So”... E só depois de muita insistência, Yün saiu do quarto, e ficou conosco, se divertindo, de novo.

O Honorável Su-tsun, primo de meu pai, morreu muito jovem, e não deixou descendentes; portanto, o meu pai me indicou como seu herdeiro...

Seu túmulo ficava no lugar dos ancestrais, em Hsikuatang, na Montanha da Prosperidade e da Longevidade, e toda Primavera eu levava minha esposa até ali, pois, tinha de limpar o túmulo e realizar os ritos.

Minha segunda irmã, a Senhora Wang, ouviu falar de um lindo lugar, naquela montanha, chamado de “O Jardim Ko”, e pediu, um dia, para ir conosco até lá. Naquele dia, Yün encontrou algumas pedras, na encosta da montanha, listradas de lindas cores, e disse: “Se puséssemos algumas delas em algum lugar, como uma tigela, para fazermos pequenas montanhas, elas ficariam talvez mais bonitas do que as pedras brancas de Hsüanchou!...”. E eu respondi que temia ser muito difícil achar pedras suficientes para fazer aquilo; a Senhora Wang, entretanto, se ofereceu para coletá-las, e foi, imediatamente, falar com o guardião do jardim, que nos emprestou um saco, onde as pedras iriam ser colhidas, e foi fazendo isso muito devagar, como um grou...

Quando eu dizia: “Bom!”, ela as guardava; mas, quando eu dizia: “Não!”, ela as lançava fora. Passado um tempo, ela já transpirava, e veio, arrastando seu saco, até nós, e dizendo: “Não tenho mais forças!; chega!...” Então, Yün lhe disse: “Se alguém quiser colher frutas, nas montanhas, tem de levar consigo um macaco; é assim que se diz, pelo menos”; e, enquanto a ajudava a escolher as pedras, completou, dizendo: “Agora, sabemos que isso é verdade!...” A Senhora Wang esfregou, furiosamente, as mãos, e já ia se vingar de Yün, por aquela piada, fazendo-lhe cócegas, mas eu me pus entre elas, e repreendi minha esposa, dizendo: “A Senhora Wang ficou trabalhando este tempo todo, enquanto você só relaxava; e você ainda faz piadas dela! Não se admire por ela estar tão brava!...” No caminho de volta, passamos pelo Ko, onde as folhas, leves, frescas e muito verdes, e as flores, vermelhas e delicadas, pareciam competir para saber qual era mais bonita...

A Senhora Wang sempre fora uma pessoa tola, e, mal viu as flores, quis tomá-las para si... Mas, Yün ralhou com ela: “Você não tem vasos para colocá-las, nem vai pô-las nos seus cabelos; por que as pega desse jeito!?!...” “Elas não sentem dor!”, disse a Senhora Wang, “qual é o problema?!...”

Nessa hora, eu ri: “Você ainda vai se casar com um homem bexiguento, irmã, um marido cabeludo!! Essa vai ser a vingança das flores!” Ela me olhou com tanta raiva, que jogou as flores no chão, e chutou-as com seus pezinhos até um lago, dizendo-me: “Como pode fazer piada de mim!?” Então, Yün a fez rir, e a sua raiva passou...

Quando nos casamos, Yün era muito calada; gostava apenas de me ouvir falar... Mas, desde o início, eu a provoquei, como alguém que usasse um ramo para encorajar um grilo a pular, e ela, aos poucos, começou a se expressar, como se prova no que vem a seguir:

Todos os dias, ela misturava o seu arroz com... chá... Adorava comer, também, uma iguaria salgada e apimentada, que as pessoas, em Suchow, chamavam de “fedido”... Gostava muito de picles, também. E essas eram coisas que eu sempre detestara; então, um dia, eu lhe disse: “Os cachorros não têm estomago, e comem lixo apenas porque não sabem o cheiro que tem... Os besouros vivem no lixo, e só assim podem se transformar em cigarras; pois, querem voar o mais alto que puderem. Qual dos dois é você?...! O cachorro ou o besouro?!...” Yün, então, me respondeu: “Este caldo que eu como é muito barato, e vai bem com o cozido de arroz, ou com o arroz puro... Eu como isto desde que eu era muito pequena... Como estou vivendo em sua casa, agora, acho que sou como o besouro, que se transformou em cigarra, e a razão de continuar a tomar este caldo é que eu não tenho vontade nenhuma de esquecer a minha vida anterior... Quanto aos picles, a primeira vez que os comi foi em sua casa.” Mas, eu continuei brincando: “Então, quer dizer que a minha casa é um canil!” Yün se envergonhou, e logo foi explicando: “Há lixo em todas as casas... A questão é se alguém vai comê-lo... Eu não gosto de alho, mas o como porque você gosta... Nunca pedi pra você comer este caldo, mas, quanto aos picles, se você tapar o nariz e comer um pouco, vai ver o quanto é bom... É como na história da menina Wu-yen, que era feia, porém, virtuosa.” “Então, você quer que eu me comporte como um cachorro, é isso?” “Por muito tempo, eu tenho agido como um cão”, ela

disse, “por que não experimenta?...” E, então, tomou, com os talheres, um pouco dos picles, e os forçou pela minha boca...

Tranquei o nariz, e os mastiguei, e até que me pareceram muito bons.

Afastei minha mão, e continuei mastigando... E, para a minha surpresa, descobri neles um sabor muito especial!...

Desde aquele dia, passei a comê-los com muito gosto!

Ela, também, comia um caldo salgado com óleo de semente de gergelim e um pouco de açúcar, e era maravilhoso!... Às vezes, misturava-o com os picles em pasta, o que ela chamava de “Delícia em Dobro”, e era, realmente, muito bom...! Um dia, eu lhe disse: “Primeiro, eu não gostava de comer nada disso; mas, agora, eu gosto de tudo, e muito!... Não consigo saber por quê!” E ela me disse: “Se você gosta de alguma coisa, não importa se ela é feia ou bonita!”

A esposa de Chi-tang, meu irmão mais novo, é neta de Wang Hsü-chou. Quando seu casamento estava se aproximando, descobriu que não tinha flores de pérolas o suficiente. Yün, então, pegou as suas próprias, que lhes foram dadas em nosso casamento, e as deu à minha mãe, para que as desse à noiva de meu irmão... As servas acharam que era uma pena se desfazer de suas próprias joias, assim. Então, Yün lhes disse: “Mulheres são completamente *yin*, por natureza, e as pérolas são a essência do *yin*. Se as usássemos em nossos cabelos, elas eliminariam completamente qualquer traço de *yang*. Então, por que devo dar tanto valor a elas?...!” Gostava muito, também, de livros e de pinturas esfarrapadas, ou antigas... Pegava-os, separava em tópicos, e os reencadernava... Chamava isso de “Meus Fragmentos de Literatura”. Quando encontrava algum exemplar de caligrafia ou de pintura que tinham sido danificados, sentia que precisava consertá-los com algum papel velho.

Se havia partes faltando, ela me pedia para restaurá-las, chamando isso de: “Coleção de Delícias Descartáveis”... Yün podia ficar um dia inteiro lidando com isso, sem ficar cansada,

mesmo que tivesse de reservar algum tempo das costuras ou da cozinha. Se, numa velha mala ou num livro estragado, ela via algo escrito, agia como se tivesse achado um tesouro!... E, todas as vezes que a nossa vizinha, a velha Senhora Fung, tinha em mãos algum farrapo de livro velho, vendia-o a Yün.

Yün tinha os mesmos gostos e hábitos meus... Entendia o que os meus olhos diziam, e a linguagem da minha fronte... Fazia tudo de acordo com a minha expressão, e exatamente como eu desejava...

Uma vez, lhe disse: “É uma pena que você seja mulher, e tenha de ficar dentro de casa. Se pudesse se transformar em um homem, poderíamos visitar as famosas montanhas, e procurar magníficas ruínas... Poderíamos viajar o mundo todo, juntxs! Não seria maravilhoso?...”

“E o que tem de tão difícil nisso?... Depois que meus cabelos embranquecerem, embora não possamos ir tão longe quanto às Cinco Montanhas, poderemos ir, ao menos, visitar lugares aqui próximos... Poderemos ir a Hufu e Lingyen, ao Lago do Oeste, ou ao norte, até o Monte Ping!...” “Quando seus cabelos começarem a embranquecer, *Tata*, temo que lhe será muito difícil caminhar!...” “Bem, se não pudermos fazer isto nesta vida, pode ser que o façamos na próxima!...” “Tomara que, na próxima vida, você nasça homem, e eu, mulher... Assim, poderemos estar juntxs, novamente.” “Seria maravilhoso!... Especialmente, se pudéssemos lembrar desta vida!” Então, eu ri... “Não terminamos, ainda, aquele assunto da ‘sopa de arroz’... Se pudermos nos lembrar disso, na próxima vida, teremos tanto para falar, em nossa noite de núpcias, que talvez não consigamos dormir!” “As pessoas dizem que os casamentos são arranjados pelo Velho da Lua... Foi ele foi quem nos colocou juntxs, nesta vida, e, na próxima, dependeremos dele, também... Por que não colocamos, aqui, um quadro, para podermos adorá-lo?”



Naquele tempo, o famoso retratista Chi Liu-ti, cujo pseudônimo era Chun, vivia em Taoshan, e lhe pedimos uma pintura do Ancião... A pintura o mostrava levando a sua corda de seda vermelha, numa mão, enquanto, na outra, segurava o seu bastão de peregrino, com o “Livro de Casamentos” amarrado em cima. De cabelos brancos, sua face, porém, era a de uma criança, e ele andava por névoas e por fumaças...

Era a melhor pintura que o Sr. Chi havia feito, até então.

Meu amigo Shih Chao-tang escreveu, no alto da pintura, algo complementar, e então a pendurei, em nosso quarto...

No primeiro e décimo quinto dias de cada mês, acendíamos incenso e o adorávamos... Muito mais tarde, por conta de acontecimentos que acometeram a nossa família, a pintura, de algum modo, se perdeu, e não sei que família a possui, agora. “Nossa Vida Futura é Desconhecida até que Esta Termine”.

Sim, mas, nossa paixão era tão grande... Irá o Velho da Lua entender-nos e nos ajudar mais uma vez?...

Depois que nos mudamos para a Rua do Celeiro, batizei de Torre do Perfume de Minha Convidada ao nosso quarto, e o fiz em homenagem a Yün, e ao fato de que maridos e mulheres deveriam se tratar como “convidados”, ou “hóspedes”, uns dos outros. A nova casa tinha apenas um pequeno jardim e altos muros, e não havia nada de muito bonito nela. Nos fundos, havia uma fileira de quartos pequenos, próximos da biblioteca, mas, quando suas janelas estavam abertas, víamos apenas o jardim da família Lu, que era uma vista desoladora, pois fora abandonado. Foi por essa época que Yün começou a sentir falta do cenário do Pavilhão das Ondas.

Havia, naquela época, uma velha dama que morava ao leste da ponte Chinmin, e ao norte da estrada de Keng. Sua cabana era cercada por um jardim de hortaliças, e tinha um portão de junco... Além do portão, havia um lago de cerca de oito pés, que refletia as imagens

entrelaçadas das flores e as sombras das árvores... O lugar possuía as ruínas do palácio que Chang Shih-cheng construíra na dinastia Yuan. A oeste, havia uma pilha de tijolos quebrados, tão grande quanto uma pequena colina, e se subíssemos ao topo, podíamos ver muito longe uma larga área com poucas pessoas e de grande beleza natural... A Senhora, uma vez, falou a Yün sobre aquele lugar, e minha esposa desejou muito ir vê-lo... “Desde que deixamos o Pavilhão das Ondas”, respondi, “sonhei com um lugar fresco assim para passarmos os dias de Verão. Se você estiver interessada, irei vê-lo e verificar se é habitável... Poderemos, então, levar nossas camas pra lá, durante um mês... Que tal?”

“Temo que seus pais não gostem disso...” Então, eu lhe disse que iria, pessoalmente, pedir a permissão de meus pais, antes de voltar lá. Quando isso aconteceu, vi que a casa tinha apenas dois quartos, um à frente, e outro ao fundo, separados por uma divisória. As janelas eram de papel, e a cama, de bambu. O lugar todo tinha um charme sutil.

Quando a senhora ouviu que o queríamos, ficou muito feliz; coleí papéis brancos nas paredes, e logo ele pareceu um lugar completamente novo... Informeí respeitosamente minha mãe, e fomos, eu e Yün, viver lá.

Nossos únicos vizinhos eram um casal idoso, que cultivava hortaliças para viver... Ouvindo dizer que estávamos fugindo do calor, chamou-nos, trazendo peixes do lago, e vegetais da horta. Tentei pagar-lhes, mas, eles não aceitaram... Yün, então, fez-lhes alguns sapatos que, com muito custo, sim, aceitaram.

No começo do sétimo mês, as árvores verdes se cobriram de densas sombras... Uma brisa corria pelas águas, e as cigarras cantavam por toda parte. O casal de velhinhos nos fez uma vara de pescar. E levei a minha esposa para pescar, entre as fundas sombras dos salgueiros...

Quando o sol já ia se por, fomos ao topo da pequena colina, admirar o espetáculo, e costumávamos fazer poemas improvisados, ali, sendo que um dos versos, de que me lembro,



era: “As nuvens, como bichos, comem o sol poente; a lua, como arco, atira estrelas cadentes...” Depois, o luar se dirigiu ao lago, e os insetos se multiplicaram, e decidimos levar nossa cama para o lado de nossa cerca.

A velhinha nos dizia quando o vinho já estava quente e quando a comida estava pronta. Bebíamos ao luar, até ficarmos zonzos, e comíamos... Depois do banho, nos abanávamos com folhas de bananeiras, e nos sentávamos, ou deitávamos, a ouvir os nossos velhos vizinhos contarem suas histórias de pecados e de recompensas... Às três horas da manhã, dormíamos, refrescados... Era como não viver na cidade, absolutamente... Pedimos, um dia, ao velho casal, que comprassem crisântemos e os plantassem ao redor de toda a cerca...

Quando as flores se abriram, no nono mês, decidimos ficar ali mais dez dias... Foi então que minha mãe veio nos visitar, e parecia muito feliz com tudo o que via.

Comemos caranguejos, em meio às flores, e aproveitamos assim o dia todo. “Um dia”, disse Yün, “podíamos construir uma cabana, aqui, e comprar terras para fazer um jardim ao redor!”, e estava muito feliz: “Poderíamos ter servos que plantassem melões e vegetais o suficiente para nós sobrevivermos!... Com as suas pinturas e com o meu artesanato, teríamos o suficiente para bebermos enquanto escrevêssemos a nossa poesia!... Viveríamos tão felizes, vestindo roupas de algodão, e comendo apenas arroz e legumes! Não teríamos que sair daqui, nunca!...”

E eu, do fundo do coração, queria que fosse assim... Ali está a cabana, ainda, mas, já não tenho mais a minha amiga companheira... E isso é doloroso demais...

Perto de nossa casa, na Estrada do Depósito de Vinho, havia o Templo de Tungting, que costumávamos chamar de Templo dos Narcisos... Lá, havia caminhos secretos, tortuosos, cobertos, e um pequeno parque com torres.

Todos os anos, no aniversário do deus-dragão do Lago Tungting, os membros de cada família reuniam-se em seus lugares, levantavam uma lanterna especial, de vidro, e erigiam um trono, embaixo... Ao lado do trono, punham vasos com flores, competindo para saber qual decoração seria a mais bonita. Durante o dia, óperas eram encenadas, e, à noite, velas de diferentes tamanhos eram postas entre os vasos e as flores, no que era chamado de “O Acendimento das Flores”... As cores das flores, as sombras das lâmpadas, e a fumaça fragrante que subia das urnas de incenso, tudo fazia lembrar um banquete noturno no palácio do próprio rei-dragão...

Os chefes de famílias tocavam flauta e cantavam, ou faziam um ótimo chá, enquanto conversavam... Pessoas da cidade vinham como a um formigueiro, assistir ao espetáculo, e uma cerca tinha de ser posta sob os beirais do templo, para mantê-las afastadas... Certa vez, os meus amigos me convidaram para ajudar na arrumação de suas flores. Assim, pude ver o Festival por mim mesmo, e, quando voltei para casa, contei a Yün como era...

“É uma pena que eu não possa ir até lá, só porque não sou um homem!...”, disse Yün. “Ora, se você se vestisse com um dos meus chapéus, e uma de minhas roupas, poderia até se parecer com um homem!...”

Yün, então, foi entrançar o seu cabelo e fazer as suas sobrancelhas; colocou meu chapéu, e, apesar de seus cabelos ainda aparecerem um pouco, perto das orelhas, era muito fácil disfarçá-los... Quando vestiu minha roupa, percebemos que era um pouco comprida, mas ela a levantou um pouco, amarrou-a na cintura, prendeu-a, e colocou uma blusa, para disfarçar mais... “E os meus pés?!...”, perguntou... “Vendem-se sapatos de ‘borboleta’, nas ruas, de todos os tamanhos; é fácil comprá-los; e, além disso, você pode usá-los em casa, também! Que tal?!” Yün gostou muito da ideia.

Quando colocou minhas roupas, após o jantar, começou a praticar seus gestos, durante muito tempo, dando passos largos como um homem, e colocando as mãos dentro

das mangas. Mas, de repente, mudou de ideia: “Eu não vou... Seria terrível, se alguém me notasse... Os seus pais, se soubessem, nunca iriam nos deixar ir...!”

Mas eu ainda a encorajava: “Todos no Templo me conhecem... Mesmo se descobrissem, apenas veriam nisso uma piada. Minha mãe está na casa de minha nona irmã; então, se fôssemos e voltássemos, em segredo, ninguém nunca saberia!...” Yün olhou a si mesma, no espelho, e ria sem parar... Então, eu a empurrei para fora, e saímos, bem quietos...

Andamos pelo Templo todo, sem que ninguém a descobrisse... Quando perguntavam quem era, eu dizia que era meu primo, então, eles juntavam as mãos e x cumprimentavam...

No último lugar aonde fomos, jovens mulheres e meninas se sentavam atrás do trono que havia sido erigido ali... Eram da família do Senhor Yang, um dos organizadores do Festival.

Sem pensar, Yün se voltou a elas e começou a conversar como se fosse uma mulher, e, enquanto se inclinava, sem querer, pousou uma das mãos no ombro de uma das damas...

Outra se levantou, com muita raiva, e disse: “Que espécie de rapazola é você, para se comportar assim!...” Corri a explicar, mas, Yün, sabendo que a situação era muito grave, rapidamente tirou o chapéu e os sapatos, dizendo: “Vejam, também sou uma mulher!...” Primeiro, todos ficaram muito estupefatos, mas, logo caíram em gargalhadas... Tomamos chá e refrescos, então, com elas, chamamos uma liteira, e fomos para casa...

Quando Chien Shih-chu, de Wuchiang, adoeceu e morreu, meu pai me escreveu e me ordenou para representá-lo no funeral. Ouvindo isso, Yün me disse, baixinho: “Se você for a Wuchiang, deve cruzar o Lago Tai... Eu queria muito ir com você, e ver um pouco mais do mundo!”

“Eu estava, mesmo, pensando em como seria triste ir sozinho, e de como seria bom se você viesse comigo...! Mas, não sei como nós podemos fazer isso...”



“Posso dizer que quero fazer uma visita à minha antiga casa!... Você iria primeiro ao barco, e eu encontraria você lá!... Na volta, poderíamos parar sob a Ponte dos Dez-Mil-Anos, e relaxar sob o luar, do mesmo modo que fazíamos no Pavilhão das Ondas!...”

Assim, no décimo oitavo dia do sexto mês, no frescor da manhã, tomei um servo e fui à doca do rio Hsü, onde fretei um barco e esperei Yün chegar. Ela veio em uma liteira logo depois... O barco se levantou e deixou a Ponte do Rugido do Tigre depois do que começamos a ver outras velas, e pássaros, nas praias de areia... O céu e a água ficaram da mesma cor. “É este o Lago Tai, então, de que todos falam!?!...”, Yün perguntou, “Agora, vejo o quanto é mágico o mundo, e agora sei que não vivi em vão; há mulheres que viveram suas vidas todas sem ver um panorama como este!...”. E pareceu que havíamos apenas conversado um pouco, quando chegamos a Wuchiang, onde o vento estava fustigando os salgueiros, ao longo dos barrancos... Desci do barco e, quando o funeral acabou, retornei, mas vi que o barco estava vazio!...

Questionei ansiosamente o barqueiro, que apontou para o barranco, e disse: “Não as vê, à sombra dos salgueiros, perto da ponte, olhando os cormorões pegando peixes?!” Para minha surpresa, Yün tinha ido ao longo da praia com a filha do barqueiro, e, quando cheguei atrás dela, estava, ainda, coberta de suor, inclinando-se para a outra garota, e perdendo-se na contemplação dos pássaros. Bati em seu ombro, e lhe disse: “Suas roupas estão encharcadas de suor!...” Ela virou a cabeça, e falou: “Tive medo de que alguém da família de Chien viesse com você até o barco!... Vim até aqui para evitar que pudessem me ver; por que voltou tão rápido?!...” E eu, rindo, disse: “Porque assim podia recapturá-la!...”

Voltamos, então, de mãos dadas, até o barco, e velejamos de volta à Ponte dos Dez-Mil-Anos...

O sol ainda não havia se posto quando chegamos, e, assim, ainda aproveitamos para descer um pouco as cortinas e permitir que entrasse uma brisa. Mudamos de roupas, e comemos melões, enquanto nos abanávamos com leques... Depois de muito tempo, o sol

avermelhou a ponte, e a névoa do entardecer escureceu os salgueiros... A lua, prateada, estava já se erguendo, e o rio, rapidamente, se encheu de luzes de pescadores noturnos...

Mandamos o nosso servo ir beber com o barqueiro na popa... A filha do barqueiro se chamava Su-yün, e também tinha bebido muitos copos de vinho comigo, antes.

Era muito agradável, e, então, a chamei e lhe pedi que se sentasse com Yün; não havia luz na proa do barco, e, assim, podíamos aproveitar a lua e beber alegremente.

Começamos a jogar um jogo literário de bebida, ao qual Su-yün só olhava... Ela nos ouviu por algum tempo, e disse: “Eu sei muito sobre jogos de beber, mas nunca tinha visto esse... Podem me ensinar?...” Yün pensou em várias maneiras de explicá-lo, mas, depois de algum tempo, não havia mais como ensiná-la... Eu, rindo, disse: “Vamos parar, Senhora Professora, eu tenho algo que pode resolver o problema.” “E o que pensou?...” “Um grou pode dançar, mas não pode arar. Um boi pode arar, mas não pode dançar. Essa é a natureza das coisas. Não seria um desperdício se você ensinasse o jogo de um ao outro?!”

Su-yün riu muito, bateu em meu ombro, e respondeu: “Está fazendo piada de mim?!” Yün me mandou parar: “Daqui por diante, vamos só conversar!... Nada mais de bater!... Quem quebrar a regra tem de beber um grande gole de vinho!”

Su-yün tinha uma grande capacidade para o vinho!... Então, encheu uma grande taça, e a engoliu de uma só vez... “Nada de bater!...”, eu disse, “mas, certamente, não haverá nenhum problema se nos acariciarmos, não é!?...”

Yün riu, e jogou Su-yün para mim... “Acaricie-a para contentar o seu coração!...” “Não me entenda mal!...”, eu disse, rindo, “a questão de acariciar alguém é afastar a indolência... Só um garoto rural seria rude, nesse quesito.” E, nessa hora, o cheiro dos jasmims, em seus chapéus, havia se misturado com o aroma do vinho... Tudo isso, sobreposto à transpiração delas, na maquiagem, era muito opressor... “O cheiro da plebe enche a proa deste navio!...”, brinquei, “é o bastante para embrulhar o estômago de qualquer um”. Su-yün, então, passou a

me bater, sem parar: “Quem mandou você ficar cheirando coisas por aí?!...” “Você quebrou as regras!...”, disse Yün “e eu te sentencio a duas grandes taças!...” “Mas, foi ele quem me chamou de plebeia!... Por que eu não deveria castigá-lo!?!...” “Ele teve uma razão para usar esta palavra!..., beba, e eu lhe digo!”.

Su-yün bebeu, e Yün lhe contou a história de como havíamos brincado com o cheiro dos jasmims, quando vivíamos no Pavilhão das Ondas, numa noite... “Se ele estava falando disso, então eu não devia tê-lo culpado, mesmo... A sentença deve ser dada mais uma vez!...”. E bebeu um terceiro grande copo de vinho! “Ouvi dizer que você tem uma linda voz”, disse Yün, “posso ouvir uma de suas canções?”

Su-yün, então, começou a cantar, batendo um pequeno prato com os seus talheres de marfim...

Yün estava se divertindo tanto, que esqueceu o quanto já havia bebido... Quando percebeu que estava muito bêbada, chamou sua liteira, e foi para casa... Fiquei mais algum tempo com Su-yün, conversando e tomando chá, e retornei para nossa casa andando sob o luar... Naquele tempo, vivíamos com meu amigo Lu Pang-fang, em sua casa, a Vila da Serenidade. Poucos dias depois da nossa viagem, a senhora Lu ouviu alguns boatos e falou à parte com Yün: “Ouvi dizer, ontem, que seu marido estava bebendo com duas cortesãs, num barco, perto da Ponte dos Dez-Mil-Anos... Você sabe disto?!” “Tudo bem”, disse Yün, “uma das ‘cortesãs’ era eu!...” E, já que ela sabia um pouco, Yün terminou de lhe contar a história toda de nossa viagem, em detalhes... Ouvindo-a, a senhora Lu riu de todo coração, e deixou o assunto de lado.

No sétimo mês do ano Chiayen, no reinado de Chien Lung, eu retornei de Yüehung com o meu amigo Hsü Hsiu-feng, que era casado com minha prima, e ele trouxe uma nova concubina, e contava a todos sobre a beleza dela. Um dia, convidou Yün para vê-la, e Yün lhe disse, depois: “Ela realmente é muito bonita!..., mas não é nem um pouco charmosa...” “Se

seu marido fosse tomar uma concubina, ela deveria, então, ser tão charmosa quanto bonita?!” “Claro!...”, disse Yün. E, desde esse dia, ela ficou obcecada com a ideia de me arranjar uma concubina, mesmo sabendo que não tínhamos a mínima condição de manter uma em casa...

Havia uma cortesã, de Chiaking, chamada Wen Leng-hsiang, que vivia em Suchow. Era quase poetisa, e tinha escrito quatro estrofes sobre o tema dos pendões dos salgueiros, que tomaram, uma vez, a cidade, como uma tempestade, e muitos escritores talentosos compuseram em resposta aos seus versos.

Meu amigo de Wuchiang, Chang Hsien-han, admirava muito Leng-hsiang, e nos pediu ajuda para escrever alguns versos que completassem os dela. Yün pensou no assunto, mas, desistiu, enquanto eu me pus a escrever e completei os versos... Yün gostou muito deles: “Seus versos levantaram-me uma ânsia de Primavera, e por lá se enveredou a minha fantasia vagamunda!”

Um ano depois, no quinto dia do oitavo mês, minha mãe queria levar Yün para conhecer a Montanha do Tigre, e meu amigo Hsien-han, de repente, chegou em casa: “Eu também estou indo para lá, e hoje vim, especialmente, convidá-lo a vir comigo e admirar algumas ‘flores’ pelo caminho!”. Pedi, então, a minha mãe que fosse com Yün, dizendo que as encontraria em Pantang, perto da Montanha do Tigre. Hsien-han me levou à casa de Leng-hsiang, onde descobri que ela era uma mulher de meia-idade que tinha uma filha chamada Han-yüan, e que esta, embora não fosse uma mulher madura, era bela como uma peça de jade.

Tinha os olhos amáveis como as superfícies de um lago no Outono, e, enquanto nos entretinha, tornou-se, para mim, óbvio que os seus conhecimentos literários eram muito extensos. Ela tinha, ainda, uma irmã mais nova, chamada Wen-yüan, que era muito pequena. De início, eu não queria nada além de tomar um gole de vinho e conversar. Sabia muito bem que um pobre estudante, como eu, não podia sustentar este tipo de convivência. E, uma vez

ali, passei a ficar muito nervoso. Apesar de não mostrar minha inquietude na voz, falei baixinho para Hsien-han: “Hsien-han, eu sou um pobretão, como pôde me convidar para me entreter com essas mulheres?!...”, e ele, gargalhando, disse: “Não é nada disso!... Um amigo me convidou para vir e me entreter com Han-yüan, hoje... Mas, um importante visitante chegou, e meu amigo teve de se ausentar... Pediu-me, então, para ser anfitrião, e convidar mais alguém, então, não se preocupe!...” Dito isto, pude relaxar. Depois, quando chegamos de barco a Pantang, eu disse a Han-yüan para subir e prestar os cumprimentos a minha mãe.

E foi assim que Yün a encontrou, como se fossem velhas amigas... Logo, estavam de mãos dadas, escalando a montanha em busca de todas as cenas possíveis... Yün gostava especialmente da altura e da vista do Pico das Mil Nuvens, e ali se sentaram, aproveitando o cenário por algum tempo...

Quando retornamos a Yehfangpin, atracamos os barcos um ao lado do outro, e ficamos longo tempo bebendo alegremente. Assim que os barcos começaram a desancorar, Yün pediu para Han-yüan ficar, enquanto eu ficava com meu amigo Hsien-han. Concordei; quando voltamos à Ponte Tu-t’ing, ficamos em barcos separados, e chegamos em casa às três da manhã. “Hoje, encontrei alguém que tem charme e beleza...!”, disse Yün, “convidei Han-yüan para vir aqui, amanhã, para me visitar. Assim, poderei arranjar tudo para você!...”

Eu me preocupei: “Mas, *Tata*, nós não somos de uma família rica!... Não podemos sustentar alguém assim...! Como podemos pensar nisso, pessoas tão pobres!?... E, além disso, somos tão felizes em nosso casamento!.... Por que teríamos uma outra pessoa?!...” “Acontece que eu também a amo...!”, e ria... “Você só precisa deixar que eu cuide de tudo!” E, ao meio-dia, no dia seguinte, Han-yüan veio de fato.

Yün a entreteve com ternura, e, durante a refeição, jogamos um jogo, em que o vencedor lia um poema e o perdedor teria de beber um copo de vinho. No final da refeição, nada ainda tinha sido feito, no sentido de fazer Han-yüan ser minha concubina... Mas, assim

que ela se foi, Yün se voltou a mim e disse: “Nós fizemos um pacto: ela virá no dia 18, e nós nos comprometeremos como irmãs!... Você deverá preparar os animais para o sacrifício.” E, rindo, disse, apontando para o bracelete de jade, em seu braço: “Se você vir este bracelete no braço de Han-yüan, isso significará que ela aceitou a nossa proposta...

Eu contei a ela a nossa ideia, mas, não estou certa, ainda, do que pensa.” Eu apenas ouvia, sem responder nada...

Naquele dia 18, chovia muito... Han-yüan veio, mesmo assim...

Ela e Yün ficaram em um quarto, por algum tempo. Quando saíram, estavam de mãos dadas, e Han-yüan me olhou com muita timidez...

Estava vestindo o bracelete de jade...

Depois que o incenso foi aceso, e depois que elas se tornaram, oficialmente, irmãs, queríamos beber, como tínhamos planejado, mas, Han-yüan havia prometido uma viagem ao Lago de Pedra, e, sendo assim, nos deixou assim que a cerimônia se acabou.

Yün estava muitíssimo feliz: “Ela aceitou!... Agora, como é que você recompensará a sua intermediária?...” Eu não queria saber detalhes do acordo que elas tinham feito, mas Yün prosseguiu: “Eu falei com ela em segredo, porque temia que já tivesse algum outro compromisso... Quando ela me disse que não, lhe perguntei: ‘Você sabe, minha irmãzinha, por que a convidamos aqui, hoje, não é?...’ Ela, então, me respondeu: ‘O respeito que tenho por uma senhora tão estimável me faz sentir como se eu fosse uma pequena erva diante de uma grande árvore... Mas, minha mãe tem grandes planos, em relação a mim..., e eu acho que não posso concordar com sua proposta, sem consultá-la, antes... Apesar disto, nós podemos pensar em uma maneira de tudo dar certo!’

Quando tirei o bracelete e o pus em seu braço, lhe disse: ‘O jade deste bracelete é duro e representa a constância do nosso compromisso... E, assim como ele, o círculo do



bracelete é infinito... Use-o como um primeiro sinal de nós três!’ E ela respondeu: ‘O poder de nos unir está, inteiramente, contigo!...’ Assim, me parece que conquistamos Han-yüan!...

A parte mais difícil será convencer a mãe dela, eu acho... Mas, eu já pensei num plano...” Então, eu ri, e lhe perguntei: “Você está tentando imitar a peça de Li-weng, ‘Adeus, Minha Companheira’?!...” “Sim”, disse Yün. E, daquele dia em diante, não havia um dia sequer em que Yün não falasse de Han-yüan.

Mas, depois que Han-yüan foi levada por um homem poderoso, e todos os seus planos fracassaram, isso foi o que levou Yün a falecer, com certeza...

Envio: agosto de 2020

Aceito: agosto de 2020